**ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES**
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

# BRANQUITUDE BRASILEIRA NOS EUA: MIGRAÇÃO E RECLASSIFICAÇÃO RACIAL

## BRAZILIAN WHITENESS IN THE USA: MIGRATION AND RACIAL RECLASSIFICATION

## BLANQUITUD BRASILEÑA EN EE. UU.: MIGRACIÓN Y RECLASIFICACIÓN RACIAL

**doi.org/10.53426/con.v5i0.005**

Alexandre Cezar Filho; Leticia Pilger da Silva
UniÚnica, Curitiba - PR, alexandre.cezarfh@gmail.com; Universidad de Granada, Granada-ES, leticiaspilger@gmail.com
Grupo de Trabalho: GT 5 – Ciências Humanas, Sociedade, Diversidade e Cultura

## RESUMO

A experiência migratória permite compreender o caráter relacional, histórico e territorialmente situado das classificações raciais, sobretudo quando se atravessam fronteiras entre sociedades estruturadas por diferentes regimes de racialização. O estudo analisa a branquitude brasileira em trânsito a partir das experiências de brasileiros nos Estados Unidos, investigando de que maneira privilégios, pertencimentos e formas de reconhecimento racial construídos no Brasil são reconfigurados quando inseridos em outra gramática social de classificação. Objetiva-se, assim, compreender como a experiência migratória evidencia os limites da conversibilidade transnacional dessa branquitude e como nacionalidade, origem geopolítica e latinidade passam a interferir na classificação social de sujeitos anteriormente reconhecidos como brancos ou próximos à branquitude no Brasil. Para tal, adota-se abordagem qualitativa, interpretativa e interdisciplinar, articulando perspectivas da Antropologia, da Sociologia das Relações Raciais e das Relações Internacionais por meio de revisão bibliográfica, análise documental, entrevistas e reflexividade situada. O material empírico concentra-se nas trajetórias de três interlocutores brasileiros nos Estados Unidos cujos relatos permitem observar como corpo, língua, sotaque, nacionalidade, ascendência, profissão e posição social são reinterpretados em situações cotidianas de interação. Os resultados indicam que marcadores capazes de produzir distinção e proximidade com a branquitude no Brasil apresentam conversibilidade desigual quando deslocados para o contexto estadunidense, enquanto a origem brasileira e a classificação como latino passam a reorganizar expectativas, pertencimentos e possibilidades de reconhecimento. A análise demonstra ainda que a fronteira internacional opera também como fronteira de inteligibilidade racial, conectando regimes nacionais de classificação às assimetrias históricas e geopolíticas que estruturam a circulação internacional de pessoas e identidades.

**Palavras-chave: [**branquitude]; [migração]; [internacional]; [relações raciais]; [brasileiros nos EUA].

## INTRODUÇÃO

A branquitude atravessa fronteiras? E, quando atravessa, conserva os mesmos significados, privilégios e possibilidades de reconhecimento social que possuía em seu território de origem? Essas questões adquirem particular densidade quando se observa a experiência migratória de brasileiros nos

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

Estados Unidos, pois a imigração coloca em contato regimes históricos de classificação racial constituídos por trajetórias distintas e revela que migrar envolve também deslocar corpos, identidades, capitais simbólicos e formas de autopercepção entre sociedades que nomeiam, interpretam e hierarquizam a diferença de maneiras específicas. Este trabalho toma como objeto a branquitude brasileira em contexto migratório, delimitando a análise às experiências de brasileiros socialmente percebidos como brancos ou situados em posições de proximidade com a branquitude no Brasil e posteriormente inseridos na sociedade estadunidense, buscando compreender aquilo que ocorre com uma posição racialmente privilegiada quando ela atravessa uma fronteira e passa a ser interpretada por outra gramática classificatória.

A distinção proposta por Oracy Nogueira (1985) entre preconceito de marca e preconceito de origem contribui para compreender especificidades das formações raciais brasileira e estadunidense; enquanto Hasenbalg (2005), Gonzalez (1988), Nascimento (1978) e Schwarcz (2012) permitem situar raça, desigualdade, branqueamento e formação nacional como processos historicamente articulados, aos quais Devulsky (2021) acrescenta a discussão sobre colorismo. Quando essa problemática atravessa a fronteira nacional, Sayad (1998), Fanon (2008) e Hall (2003) ajudam a compreender como migração, olhar social, identidade e pertencimento reorganizam posições anteriormente naturalizadas, enquanto Quijano (2005), Dussel (1993), Mignolo (2007) e Mbembe (2018) ampliam a escala da discussão ao relacionarem raça, colonialidade e produção geopolítica das diferenças.

Como a experiência migratória de brasileiros nos Estados Unidos reconfigura uma branquitude constituída no Brasil e o que essa reclassificação revela sobre as relações entre raça, nacionalidade, latinidade e posição geopolítica? O objetivo consiste, assim, em analisar as transformações da branquitude brasileira produzidas pela experiência migratória nos Estados Unidos, observando como diferentes regimes de classificação reorganizam pertencimentos, privilégios e possibilidades de reconhecimento.

## METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, exploratória e interpretativa, articulando Antropologia, Sociologia das Relações Raciais e Relações Internacionais para compreender como diferentes regimes de classificação racial atravessam a experiência migratória. O recorte empírico reúne três brasileiros com formação superior e trajetórias distintas de mobilidade nos Estados Unidos, dois homens com menos de 30 anos e uma mulher com mais de 50 anos, cujas experiências abrangem contextos acadêmicos, religiosos, profissionais e cotidianos. A análise seguiu uma perspectiva interpretativa, comparativa e relacional, considerando as particularidades históricas dos regimes raciais brasileiro e estadunidense e tomando como eixos a branquitude, o colorismo, a classe, o capital cultural, a nacionalidade e a posição geopolítica. A reflexividade integrou o percurso metodológico, compreendendo a produção do conhecimento como processo situado e atento às relações estabelecidas entre pesquisador, interlocutores e campo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a branquitude brasileira apresenta forte dependência do contexto social em que é reconhecida, adquirindo outros contornos quando atravessa fronteiras nacionais. Nas três trajetórias analisadas, a experiência nos Estados Unidos produziu situações em que atributos associados à distinção no Brasil, como ascendência europeia, formação acadêmica, profissão, classe e determinados marcadores fenotípicos, perderam parte de sua eficácia diante da

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

nacionalidade brasileira e da classificação como latino. Isso aproxima-se da compreensão de Fanon (2008) acerca da racialização produzida também pelo olhar social e dialoga com Sayad (1998), para quem a migração reorganiza pertencimentos e posições anteriormente estabelecidas. Os relatos mostram ainda que essa reclassificação ocorre em situações ordinárias, atravessando universidade, trabalho, religião e espaços de lazer, o que reforça o caráter cotidiano das classificações raciais. Mais do que uma simples mudança identitária, os dados apontam para uma espécie de conversibilidade desigual da branquitude: capitais raciais e simbólicos valorizados no Brasil encontram outras condições de reconhecimento no contexto estadunidense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidencia que a branquitude possui caráter relacional, histórico e territorialmente situado, adquirindo outros significados quando atravessa diferentes regimes de classificação. As trajetórias analisadas mostram que ascendência europeia, formação acadêmica, profissão, classe e determinados marcadores fenotípicos, capazes de produzir distinção no Brasil, encontram outras condições de reconhecimento quando nacionalidade e latinidade passam a participar da leitura social desses sujeitos. A principal contribuição do trabalho está em pensar a branquitude brasileira a partir de sua circulação e de seus limites de convertibilidade transnacional. O recorte qualitativo e o número reduzido de interlocutores delimitam o alcance das interpretações, ao mesmo tempo que oferecem profundidade às experiências observadas. Estudos posteriores poderão ampliar e diversificar o campo empírico, incorporando diferentes regiões dos Estados Unidos, gerações, classes, gêneros, tonalidades de pele e modalidades migratórias, bem como experiências brasileiras em outros países, possibilitando investigar comparativamente até onde e sob quais condições sociais e geopolíticas a branquitude brasileira consegue viajar.

## REFERÊNCIAS

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial.** Barcelona: Gedisa, 2007.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

**ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES**
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.